

Por uma ciência do riso e da sabedoria

Paula Corrêa Henning^{*} & Attico Inácio Chassot^{**}

Resumo: O artigo busca problematizar a história das ciências, especialmente o *ethos* da Modernidade e Pós-modernidade. Para isso, utiliza autores que se anteciparam à Pós-modernidade como Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Na esteira dessa discussão busca uma problematização acerca da Ciência nos rastros da Modernidade e algumas fissuras e fragilidades produzidas na ciência num cenário contemporâneo. Apresenta ainda alguns discursos midiáticos acerca de propagandas televisivas que trazem o discurso científico como legítimo e inabalável. Traz para o campo de discussão uma ciência alegre, como aprendemos com Nietzsche ou prosaica por vezes, anunciando o riso e a sabedoria na produção do conhecimento científico.

Palavras-chave: Ciência. Modernidade. Pós-modernidade.

For a science of laughter and wisdom

Abstract: In this article we seek to problematize sciences history, especially the *ethos* of Modernity and Post Modernity. To do this we use authors that have anticipated themselves to Post Modernity, as Friedrich Nietzsche and Michel Foucault. In the wake of this discussion we seek a problematization about Sciences in the Modernity tracks and some fissures and frailties produced in sciences in contemporaneous scenery. We also present some midiatic discourses about TV advertisements that show the scientific discourse as being legitimate and adamant. We bring the merry sciences to the discussion field - as we have learned with Nietzsche - or sometimes prosaic, announcing laughter and wisdom in the production of scientific knowledge.

Key words: Sciences; Modernity; Post Modernity.

^{*} **PAULA CORRÊA HENNING** é Doutora em Educação pela Unisinos/RS. Pesquisadora e professora adjunta dos Programas de Pós-graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS

^{**} **ATTICO INÁCIO CHASSOT** é Pós-Doutor pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha e Doutor em Educação pela UFRGS. Pesquisador e professor titular do Centro Universitário Metodista IPA/RS.

Pensar a ciência como portadora da verdade, legitimadora de conceitos que demonstram o que podemos considerar/aproveitar para nossas vidas, por muito tempo (e talvez ainda), foi o que entendemos por validação da produção científica. Hoje, essa é postura cada vez mais insustentável. Mas nem sempre foi assim. Parece difícil, nos dias atuais, inseridos em um mundo de transições epistemológicas em que a ciência orienta nossas ações cotidianas, pensarmos que, por séculos, não existia este saber legitimado, pelo menos não com esse conceito moderno de *fazer/ser ciência*. Por outro lado, não se pode desconsiderar que na virada do século 19 para o 20, a Ciência era quase uma nova religião detentora de Verdades, assentada em quase dogmas.

Compreender que o paradigma da Modernidade já não dá mais conta das perplexidades contemporâneas faz com que muitos de nós questionemos as verdades cristalizadas por séculos. Anuncia-se, então, um paradigma pós-moderno, no qual não existe privilégio de olhares, existem sim deslocamentos e deslizamentos que começam (ou talvez terminem?) em locais não-científicos. A ciência é, então, produzida por nós, uma vez que o nosso discurso a constitui. A ciência, como nos diz Foucault (2004), é uma vontade de verdade.

Pensar em que tempo estamos parece-me ser um questionamento que ainda hoje muitos de nós nos fizemos: um tempo de rupturas epistêmicas, metodológicas, educacionais, sociais, políticas, econômicas; um tempo em que anunciamos novas maneiras de olhar o mundo, olhar a ciência, de pensar: o que hoje conta como verdade neste espaço-tempo, neste contexto cultural? Indagar sobre isso é, pelo menos, abrir possibilidades e novos

caminhos de aceitar outras formas de ver o mundo.

Entretanto, muitos de nós, homens e mulheres desse movimento contemporâneo, não estamos acostumados a viver em um mundo sem certeza e sem segurança, sem a clareza dada pelas verdades científicas. Isso resulta do fato de termos sido produzidos pelo Paradigma Moderno.

Nietzsche nos inquieta ao colocar a vida, não como um argumento fincado na razão, mas como algo que pode ser revisto, reelaborado, produzido com um outro olhar para o mundo, não mais (apenas) com os óculos da Ciência Moderna.

Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas isto não significa que eles estejam provados. A vida não é argumento; entre as condições para a vida poderia estar o erro (2001, p. 145).

Quebrando as idéias iluministas, colocando sob suspeita a idéia de verdade, demarcando-a como historicamente produzida, o filósofo vem na contramão de todo um pensamento instituído como verdadeiro no século XIX. Aliás, ele mesmo, em seus escritos, nos relata dizendo estar fora do seu tempo, pois alguns nascem postumamente (NIETZSCHE, 2003). Dentre esses, está Nietzsche que, em seu tempo, pouco foi lido e discutido, talvez devêssemos dizer que ele nasceu antes de seu tempo. Entretanto, hoje, é um autor que traz em seus escritos marcas desse tempo que até parece ainda por chegar, desse momento

ambíguo e paradoxal que nos situamos, na contemporaneidade.

Assim, a pós-modernidade como chamamos, esse movimento¹, caracteriza-se não por um momento histórico, posterior à modernidade. Nietzsche nos dá pistas, desde o século XIX, de um outro olhar para além do mundo científico, trazendo em seus escritos críticas ao modelo linear da ciência, o que me leva a dizer que é um precursor da pós-modernidade. Foucault situa Nietzsche como um homem do século XIX, que antecipou genialmente a época que vivemos hoje (2005, p. 33).

Percebemos nos tempos contemporâneos um movimento paradoxal em que olhamos para o passado e nos percebemos constitutivos dele, mas damos às costas a muitas metanarrativas corporificadas num tempo Moderno, dentre essas metanarrativas situo a Ciência como única maneira possível de ler o mundo. Não queremos aqui ter um posicionamento linear de pensar a pós-modernidade como uma *salvação* para os problemas apresentados pela modernidade e que, por isso, esse modelo nasce após o fim da estrutura moderna. Não assumimos essa posição. Assumimos sim a idéia de que concomitante a modernidade, a pós-modernidade vem para aceitar a humildade diante de questões do conhecimento, para aceitar a fragilidade da ciência e para aceitar a desconfiança perante nossas verdades mais cristalinas. E, assim, mostrar e pensar o mundo de forma cambiante, como condição e enfraquecimento de todos os ideais modernos. Com isso não dizemos que a Ciência deixa de existir, ela toma

agora um local não privilegiado, ela é, dentre tantos outros saberes, uma das muitas formas de ler o mundo (CHASSOT, 2003).

Ao ementar a Constituição [da Ciência], continuamos acreditando nas ciências, mas ao invés de encará-las através de sua objetividade, sua frieza, sua exteriorialidade – qualidades que só tiveram um dia devido ao tratamento arbitrário da epistemologia –, iremos olhá-la através daquilo que elas sempre tiveram de mais interessante: sua astúcia, sua experimentação, sua incerteza, seu calor, sua estranha mistura de híbridos, sua capacidade louca de recompor os laços sociais (LATOURET, 2000, p.140).

Pensando enfim, nessa outra concepção de Ciência, a solidificação moderna se dilui. Abrem-se outros horizontes e olhares para o caminho científico. A prática científica não mais obrigada a prescrever o mundo, agora, pode, talvez, abandonar um pensamento totalizante de explicação ao mundo, através da Razão Moderna. Mudam-se as análises, as metodologias, os problemas, as promessas... O mundo da razão soberana científica morreu, abrindo espaços para uma ciência alegre (NIETZSCHE, 2001). Um saber que, longe de querer representar o que é mesmo essa realidade, percebe-se frágil e limitado diante das questões do conhecimento e do mundo. Essa perspectiva pós-moderna de ciência despede-se das metanarrativas do Iluminismo, do sujeito transcendental, da razão onipotente, da verdade objetiva e das essencializações e universalizações do conhecimento.

Os fundamentos do pensamento moderno ao serem balizados/indagados, levam-nos a uma crise, a um momento de incertezas e inseguranças. Dizemos

¹ Existem muitas nomenclaturas utilizadas por outros autores como Modernidade Líquida (BAUMAN), Hiper crítica (VEIGA-NETO), entre outras.

isso pensando no espaço-tempo em que vivemos, pensando em nós como humanos constituídos a partir dos pressupostos colocados pela modernidade. Pensar que verdades até então sempre aceitas podem ser refutadas, que podem existir outras formas de olhar o mundo além do óculo científico, são questões que, pelo menos a nós, incomodam. Incomodar não no sentido negativo, mas no sentido de mexer com nossos saberes tão bem fincados em um paradigma que busca verdades e, com elas, nos dá segurança e tranquilidade. O desmanchamento da Modernidade, pelo menos em seu sustentáculo das verdades verdadeiramente verdadeiras, parece eclodir em nossos tempos contemporâneos. Criar condições para analisar os movimentos pós-modernos nesse tempo ambíguo e paradoxal que se instala, sem pedir licença, em nossa vida pública e privada, pensar esse novo tempo e compreender que alguns dos sólidos alicerces modernos vêm se rachando produzindo fissuras e dobras tornam-se desafios contemporâneos, estejamos nós preparados ou não.

A Pós-modernidade apresenta-se não como um momento, que surge com o término da modernidade e, então, início de outro tempo, mas sim como um momento/ um sintoma – para utilizar a expressão de Latour (2000) – que se corporifica ao mesmo tempo que a modernidade. Assim, essa virada epistemológica paradoxal, certamente, já que convivemos com dois *ethos*, acontece trazendo consigo uma crise, pois questiona as estruturas que até então eram os sustentáculos de toda nossa maneira de olhar para as coisas. Na medida em que colocamos sob suspeita nossos valores, ideais, utopias estamos produzindo, em nós mesmos, uma ruptura epistêmica. A crise a que me refiro está relacionada não com a

troca de um paradigma por outro, mas por um olhar avesso a toda produção moderna que nos constituiu/constitui/constituirá.

De uma época marcada pela densidade em questões científicas, esse movimento apresenta-se como um tempo instantâneo, situado em um espaço “leve, etéreo, transparente ou então num espaço obscuro, pedregoso, embaraçado” (FOUCAULT, 2001, p.413). Sendo então um espaço heterogêneo, inusitado, complexo, ambíguo para nós não se torna fácil viver em um tempo como esse. Como viver neste mundo? Quais propósitos devemos (ou não) ter neste novo espaço-tempo? Que pensares e fazeres neste movimento de leveza, de incertezas e formas que cada um de nós lhe atribui? Pensar em que tempo estamos e em que tempo vivemos parece-me serem questionamentos necessários para refletirmos sobre o mundo que até pouco tempo atrás era visto como linear, claro e preciso.

Esse olhar, essas mudanças e esse momento paradoxal inquietam-nos para pensarmos sobre os conhecimentos científicos agora vistos como provisórios, incertos, instáveis. A ciência é uma das muitas maneiras de produzirmos conhecimentos. Não vista mais como a melhor / a única condição de *chegarmos à verdade*², ela se desmancha, se constitui como um saber importante e necessário tanto quanto o senso comum, a literatura e as artes. Assim, percebemos que a indispensável busca por querermos constituir tudo em ciência fragiliza-se. Afinal, se destruímos a hierarquização de saberes,

² É importante ressaltar que a intenção de se chegar à verdade, perde sua razão de ser, já que, para Pós-modernidade, ela não existe. O que existe, parafraseando Nietzsche, é uma vontade de verdade (NIETZSCHE, 2001).

que desde a Idade Clássica, acompanhados com a Filosofia e a Teologia, não se faz mais necessário lutar pela legitimidade científica, já que ela perde o caráter de única produção de conhecimento válido.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade de colocarmos em suspenso as metanarrativas, os grandes relatos que aprendemos a aceitar, corporificando nossa cultura, nossos pensares e nossos fazeres. Essa ruptura não é tranqüila para nenhum de nós é, antes de mais nada, uma condição que se coloca presente em nossas vidas, constituindo transformações, colocando-nos em ambigüidade diante dos saberes ditos verdadeiros.

Com tudo isso, não se tem a pretensão de, com a pós-modernidade, dar um fim à modernidade, mas questionar a todos nós das verdades consagradas por séculos. Ao contrário do que fez a modernidade, colocando-se exclusivamente como a única forma possível de se chegar aos conhecimentos, através da ciência, substituindo ídolos, a pós-modernidade assume um caráter mais modesto: o que conta como verdade hoje? Quais as condições para validação da verdade?

Diante disso, compreender que constituímos as coisas das quais falamos é um golpe na base epistemológica da Modernidade. Entendemos a ciência como produtora de um discurso que institui e legitima saberes não por ser mais verdadeiros, mas por ser um campo que se constitui através de um consistente regime de verdade que tomou forma no século XVI, pela rigorosidade, matematização e linearidade bem-vindas ao momento histórico, social, político, econômico e cultural da época moderna.

Frente a esse cenário de mutação, a Pós-modernidade parece apresentar um novo tempo e um novo olhar sobre a ciência. Nesse sentido, resta-nos questionar a ordem discursiva imposta: afinal para que serve a ciência? Que outras formas possíveis de pensar o mundo, a Educação, o currículo que não através do óculo da ciência? O que podemos problematizar para assumir um discurso (talvez não o que está na ordem, mas na desordem das coisas) que olhe ao avesso para a legitimidade da ciência? Esse olhar ao avesso para a ciência e tantos outros discursos marcados como legitimadores de nossa época é o que intenta a pós-modernidade. Quando colocamos em xeque as verdades consagradas e indiscutíveis do Paradigma Científico, tais concepções tornam-se problemas que perturbam nosso cotidiano. Rejeitando a totalização de um saber, a pós-modernidade põe sob suspeita a *verdade verdadeira* da ciência. Assim, a discussão não está em se a Ciência deve ou não existir, mas em entendermos como ela produz efeitos regulamentados de poder e verdade.

Pensando sobre isto, fizemos um recorte de alguns discursos midiáticos que vem constituindo – dentre tantas outras razões – a Ciência como grande regime discursivo ainda hoje, em nossas vidas. Trazemos então, nesse momento, algumas apresentações da mídia que se referem a discursos sobre o estatuto da Ciência, com o intuito apenas de problematizar alguns desses discursos que se produzem, ou seja, entendendo o que as ciências *vêm dizendo* nesse cenário contemporâneo.

O primeiro exercício refere-se à propaganda veiculada na mídia televisiva sobre o sabão em pó Omo: um homem, vestido de tapa-pó branco, dentro de seus laboratórios, faz

experimentos para comprovar qual o sabão em pó que realmente limpa. Após essa pesquisa, está comprovado: *o Omo deixa suas roupas mais limpas!*

Essa propaganda produz um discurso que apresenta a legitimidade necessária para que a dona-de-casa acredite e compre este sabão em pó e não outro, por que este está comprovado *cientificamente* que limpa. Inquieta-nos a postura de cientista que conhecemos: um sujeito vestido de branco, dentro de um laboratório. Onde encontramos a imagem de um cientista, analisando a sociedade, a escola, os conteúdos desenvolvidos para alunos em determinada série? Isto não nos é apresentado como ciência, com a mesma frequência, pelo menos não em veículos como a mídia televisiva e impressa.

Acrescentamos a este recorte da mídia, um outro: uma propaganda de uma série veiculada pelo canal fechado Discovery Channel em que a Medicina é o centro de todas as descobertas realizadas no programa. Seu slogan é: *Ninguém engana a ciência*. O que percebemos nesses registros constituídos através desses materiais é o quanto o discurso da ciência se vincula para dar uma confiabilidade à venda do produto, mostrando então que o produto é legítimo, pois a ciência o respalda. Vale aqui frisar que essa ciência, pelo menos nos discursos aqui visibilizados, são os discursos das Ciências Naturais.

A partir dessas problematizações evidenciamos enfim, ainda hoje a existência de *ordem do discurso* constituidora de saberes legítimos e ilegítimos: a Ciência. Para produzir um saber que narre a verdade é imprescindível estar amarrado a essa ordem discursiva. Pretendemos, com isso, mostrar o quanto a Ciência Moderna apresentou-se – e talvez ainda

se apresente – neste espaço legitimador e selecionado de quem é então convidado a dizer-se cientista e produzir, assim, as esperadas descobertas. Não são todos que podem falar da Ciência, fazer Ciência e sentir-se cientista, uma vez que essa é, então, uma classe especializada e restrita.

Nesta ordem do discurso, o sujeito, para ter status de cientista, deveria ser o mais exato, mensurável e objetivo possível, para desvelar o real. As pretensiosas verdades soberanas anunciadas no discurso epistemológico da Modernidade invadem e instalam-se em nossas vidas, fixando e hierarquizando saberes produzidos cotidianamente. Tais discursos são considerados reguladores e controladores, onde somente alguns são convidados a falar.

A vontade de verdade produz, enfim, a constituição do que será ouvido ou não. Na Modernidade, somente os conhecimentos autorizados e legítimos eram os que vinham com o carimbo de científicos.

[...] creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro (FOUCAULT, 2004, p. 18).

A marca da cientificidade do paradigma moderno pode ser pensada, no que Foucault (2004) denomina de ordem discursiva, numa sociedade ocidental, amarrada pelas idéias iluministas e o advento científico através da Revolução Científica, demonstrando que somente

tem valor o que é medido e quantificável.

Neste sentido, o presente texto intenta instigar ao exercício do pensar, ao questionamento de conceitos, de padrões e de valores estabelecidos. Olhar a ciência não como algo binário, como olhamos ao longo de todos esses séculos: boa ou ruim, mas identificá-la como um construto humano, demasiado humano...

[...] Ainda hoje vocês têm a escolha: ou o *mínimo de desprazer possível*, isto é, a ausência de dor [...] ou o *máximo de desprazer possível*, como preço pelo incremento de uma abundância de sutis prazeres e alegrias, até hoje raramente degustados! Caso se decidam pelo primeiro, caso queiram diminuir e abater a susceptibilidade humana à dor, então têm de abater e diminuir também a *capacidade para alegria*. Com a *ciência* pode-se realmente promover tanto um quanto outro objetivo! Talvez ela seja agora mais conhecida por seu poder de tirar ao homem suas alegrias e torná-lo mais frio, mais estatuesco, mais estóico. Mas ela poderia se revelar ainda como *a grande causadora de dor!* – E então talvez se revelasse igualmente o seu poder contrário, sua tremenda capacidade para fazer brilhar novas galáxias de alegria! (NIETZSCHE, 2001, p. 63) [grifos do autor].

Diante desse entendimento, a ciência não demarca uma dualidade: a dor e a

alegria são seus objetivos. Não como contraditórios, mas como produções humanas que fazem da ciência muito mais do que produzir conhecimentos universais e a-temporais, mas como um saber que nos traz a alegria, o sentimento de flutuar, de errar, de ser tolo por vezes e, como queria Nietzsche (2001), que se faça da ciência, uma ciência alegre, uma ciência do contra-senso, uma ciência que alia o riso e sabedoria. Um saber alegre que dá as costas à pretensiosa intenção do homem moderno: a obtenção do saber profundo.

Referências

- CHASSOT, Attico. *Educação ConsCiência*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In.: _____. *Ditos e escritos III: Estética – Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. *A ordem do discurso*. 10ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- _____. Michel Foucault e Gilles Deleuze querem devolver a Nietzsche a sua verdadeira cara. In.: In.: _____. *Ditos e Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre, L&PM, 2003.